

Sandro Seixas: o Ian Gillan gaúcho

Coeditor do blog Cena Rock entrevista e traça um perfil do cara cuja voz lembra a de Ian Gillan

CHICO IZIDRO

ffilho@correiodopovo.com.br

O cantor Sandro Silveiro Apollo Seixas tem uma história de superação em sua vida. Nascido em Sapiranga, em maio de 1969, ele veio ao mundo sem os braços, vítima de um remédio que possuía em sua fórmula um composto chamado Talidomida, que foi receitado pelo médico a sua mãe, para conter os enjoos. A medicina não sabia, à época, que este medicamento atacava a formação dos membros dos bebês.

Mas a deficiência não impediu que Sandrinho, casado com Elaine Seixas há 23 anos, e pai de três filhos, Brendon, Henryco e Benjamim, progredisse em várias atividades. Ele é a voz oficial de Ian Gillan no Brasil, além de ser piloto de arrancada, veador e palestrante em escolas e empresas. O gaúcho está completando 34 anos na carreira musical e nos anos 1980 e 1990 do século passado, foi integrante de duas bandas importantes no cenário do Heavy Metal gaúcho, a Kúria, e depois a Katana.

Há alguns anos, Sandro foi autorizado por Ian Gillan para regravar uma canção. E ele não apenas registrou "Don't Hold me



Sandro Seixas (E) ao lado do ídolo Ian Gillan, no camarim do show do Deep Purple, no Allianz Parque, em 2017

Back", de Gillan e Steve Morris, como entregou o trabalho pessoalmente ao vocalista do Deep Purple. "Entrei em contato com a assessoria do Gillan, que em cerca de duas semanas entrou em contato comigo", lembra. Sandro vibra ainda quando conta ter conhecido pessoalmente o vocalista do Deep Purple em 2017.

"Quando a banda veio tocar em Porto Alegre, no Araújo Vianna, em 2016, eu fui convidado, mas não consegui ir ao show.

Mas no ano seguinte, eles foram tocar no Allianz Parque, do Palmeiras, em São Paulo. E de novo fui convidado. Aí não perdi a chance", recorda. O músico diz que foi levado até os camarins, onde finalmente conheceu Ian Gillan, e outros integrantes da banda inglesa, como Ian Paice, Roger Glover e Don Airey. "Batemos um longo papo sobre música", emociona-se ele, que além do Deep Purple, é fã do Sepultura, Shaman, Led Zeppelin, Black

Sabbath e Pantera.

Agora Sandro está em temporada de divulgação de seu novo trabalho, o EP "Metal Days", gravado em Pompeia (SP) entre 2010 e 2012 e Sapiranga (RS) e masterizado em Marília (SP). O disco possui seis músicas. No track list está "Eyes in the Dark", que já havia sido registrada por Sandro e Davi com a banda Katana e chegou a receber comentários positivos de fãs do Japão e diversos países da

América Latina. Completam o álbum "Drink the Wine", "Freedom", "My Heart is Filled with Sand", "From the Spirit of Men" e "Don't Hold Me Back". O trabalho foi feito em parceria com o produtor Davi Piangers, que toca no disco as guitarras, baixo, programação de bateria, teclados e sintetizador.

Além da música, Sandrinho ama a velocidade. "Aprendi a dirigir com 26 anos. Para tanto, tive de superar a desconfiança de muitas pessoas", conta, garantindo nunca ter sofrido ou provocado nenhum acidente. Não satisfeito, ainda tornou-se piloto de arrancada em 2007, o único do Brasil sem braços – ele possui apenas 15 centímetros de cada antebraço. Por isso, o carro que dirige é adaptado. "Eu mesmo realizei a adaptação", garante. "São dois cilindros plásticos, um de cada lado da direção, para que eu possa encaixar o antebraço", explica. O carro ainda tem dois botões, acionados com os pés, para ligar e desligar e outro para o arranque.

E desde 2013, Sandro Seixas é vereador em Sapiranga, cidade da Grande Porto Alegre e a 63 km da Capital. Sua atuação na política é a de defender os princípios da vida e o respeito ao cidadão. "Eu percebi a falta de políticas públicas especialmente que possibilitem a inclusão do cidadão em todos os aspectos, então resolvi fazer parte da política brasileira", recorda.

*Blog: www.correiodopovo.com.br/blogs/cenarock

MARIA ALICE BRAGA*

Manoelito de Ornellas, 50 anos depois

Manoelito de Ornellas nasceu em uma pequena cidade na região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, onde o rio Uruguai separa duas fronteiras: Itaqui, do lado brasileiro, e Alvear, na Argentina. A fronteira marcou a vida do menino, assim como pautou a trajetória do escritor, que nasceu de mãe uruguaia, descendente de italiano e francês, e pai brasileiro, descendente de portugueses. A língua também permaneceu dual para o menino, que se expressava em espanhol e português com a mesma desenvoltura. Fluir, como o rio, entre dois espaços, unidos e separando-os, foi seu destino desde o nascimento. Da fronteira, espaço constante na vida de Manoelito, resultam duas faces: o homem e o escritor. Como homem, viveu a realidade e buscou na história passada as respostas para o presente; na condição de escritor, recolheu na literatura as fontes para viver o ima-

ginário, como podemos observar em algumas de suas obras.

Uma terra xucra, vasta e rica, conquistada durante décadas dedicadas a levar o rincão natal para além de suas fronteiras, uma escrita voltada para o campo e sua gente, para a história e o passado com trincheiras na metalinguagem. Assim é a literatura de Manoelito de Ornellas.

Tiaraju é um livro simples e sem rebuscamentos, todo cheio de amor à terra do Rio Grande, conforme o próprio autor, dedicado a registrar em forma de novela a destruição da civilização missioneiro-guaraníca, construída em solo sul-rio-grandense.

Manoelito parte da origem histórica do habitante dos pampas e de suas relações com a terra para descobrir no cavaleiro árabe as raízes étnicas e de costumes, plantadas na Península Ibérica desde muitos séculos, assim é "Gaúchos e Beduínos", diferente de "Máscaras e Murais de



Manoelito de Ornellas nasceu em Itaqui e morreu em 8 de julho de 1969

Minha Terra", em que o autor combina vários discursos para tematizar a terra e o gaúcho.

Ao fechar os olhos, podemos ver que o tempo fluía na monotonia da paisagem e os calendários marcavam a chegada e a saída das estações, tudo era "Mormaço", no tempo e nas almas das criaturas naquelas terras distantes. No entanto, a inexorabilidade do tempo mostra que a trajetória de Ornellas termina em "Estuário", em 1968, deixando inacabada a obra que integraria a terceira parte de uma história que não pôde terminar, pois Manoelito de Ornellas destacou-se como um ar-

tista que buscava, na palavra, a metáfora que rompe os limites da regra e, na forma livre, a transcendência da sobriedade acadêmica.

Para encerrar, lembremos as palavras de Guilhermino César: "Se Manoelito de Ornellas não houvesse produzido tantas páginas dignas de admiração, bastaria Terra Xucra para consagrá-lo como escritor."

No dia 8 de julho de 1969, morreu o escritor que pôs seu talento a serviço das causas da terra em que nasceu.

* Professora, pós-graduada na PUCRS

MANOELITO EM PAUTA

■ A vida e obra do jornalista, escritor e professor Manoelito de Ornellas é tema de evento, 50 anos após sua morte, que reúne uma mesa redonda, show e sessão de autógrafos, neste sábado, 15h, na Biblioteca Pública do Estado (Riachuelo, 1190), entidade que o intelectual presidiu, em 1938. Coordenado pelo jornalista, escritor e professor Landro Oviedo, o evento tem entrada franca. O debate sobre a permanência da obra de Manoelito de Ornellas contará com a participação da doutora em Letras Maria Alice Braga, com teses sobre a obra do autor; do jornalista Paulo Mendes, que assina a coluna "Campereadas", no **Correio do Povo**, e ainda do advogado e ativista cultural Ricardo Goulart, como mediador. Também estão previstos sessão de autógrafos do livro "Manoelito de Ornellas, Vida e Obra de um Ex-Presidente da ARI", de Maria Alice Braga e show de Washington Goulart, com canções do folclore latino-americano.